

TRABALHO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CIDADANIA¹

Carlos Roberto Horta²

RESUMO

Este trabalho trata de algumas experiências brasileiras de formação profissional historicamente significativas, ligadas, em alguns casos, à Igreja Católica ou a associações de bairro, ou mesmo às oposições sindicais que existiam nos anos 70, sob o regime militar. Seu significado mais importante pode ser resgatado a partir da adoção de políticas de formação profissional pelas centrais sindicais, como a CUT e a Força Sindical, alguns anos depois.

ABSTRACT

This paper will present some brazilian experiences which are historically significant in regard to vocational training, connected, in some cases, to the Catholic Church or to District Associations, or even to the opposition inside trade unionism under the late military government in the seventies. Their most important meaning could be measured by the adoption of vocational training policies by the union centres, like CUT and Força Sindical, some years later.

¹ Texto apresentado no Simpósio Trabalhadores, Sindicatos e Formação Profissional no Brasil. 50ª Reunião Anual da SBPC – Natal, RN - UFRN, julho/98. Depto. de Ciência Política-Núcleo de Estudos sobre o Trabalho Humano da UFMG

² Professor do Depto. de Ciência Política - Núcleo de Estudos sobre o Trabalho Humano da UFMG

Há cerca de seis anos, tivemos a oportunidade de desenvolver pesquisa, para a Organização Internacional do Trabalho, sobre as experiências de formação profissional desenvolvidas pelo movimento sindical no Brasil³. Em 1997, a oportunidade se repetiu, quando desenvolvemos pesquisa, para o Projeto Integrar Nacional da CNM/CUT, através da Fundação Unitrabalho, sobre a formação profissional empresarial, pública e sindical para o setor metalúrgico. Essa pesquisa produziu cinco relatórios regionais e um relatório nacional consolidado, que se encontra em fase de finalização. Todavia, desde a década anterior, já nos dedicávamos à observação de experiências de formação ligadas às práticas do movimento sindical e das classes trabalhadoras, em seus projetos de autonomia.

Mais significativas do que as experiências dos sindicatos no campo da formação profissional, nos últimos 30 anos, têm sido algumas experiências que vêm sendo desenvolvidas por setores das classes trabalhadoras nem sempre ligados ao movimento sindical, bem como por algumas Ongs. Essas são mais significativas do que as experiências sindicais, sobretudo por trazerem na sua atividade uma proposta de ensino aparentemente mais avançada do que a das organizações patronais como o SENAI e o SENAC e mais crítica do que os cursos ministrados através dos sindicatos sem uma preocupação que combine o desenvolvimento da capacidade criativa e da aprendizagem dos seus alunos com uma formação política, voltada para a cidadania dos trabalhadores. Da mesma forma que as iniciativas sindicais no setor, as experiências desses grupos de trabalhadores-educadores são em número muito pequeno. Procuram, todavia, manter-se sempre em contato umas com as outras, organizam encontros periódicos, seminários onde procuram trocar experiências e unificar propostas, discutir metodologias e objetivos, tendo criado, em seu encontro de 1989, no Rio de Janeiro, um Conselho de Educação Operária, que passou a organizar os seminários subsequentes e a buscar um maior interrelacionamento entre as experiências, além de trabalhar na criação de uma política de sustentação financeira global para as escolas. O Conselho vem se reunindo e colocando em discussão questões de conteúdos, metodologias, a formação política, as inovações tecnológicas na indústria e suas conseqüências sobre os trabalhadores, além, naturalmente, das estratégias de sustentação das escolas operárias.

O Conselho das Escolas Operárias participou, em 1994, do processo de criação do Fórum de Formação Profissional, juntamente com sindicatos de trabalhadores de diversos setores, pesquisadores ligados à área da formação profissional, administrações públicas do campo democrático e popular, entre outros participantes. Neste fórum, com base na sua experiência adquirida nas diversas escolas que dele fazem parte, o Conselho apresentou a proposta de se criarem

³ Horta, C.R. e Alves de Carvalho, R. The Union Movement and Vocational Training in Brazil, Geneva, International Labor Office, 1992.

Centros Públicos para Educação de Cidadãos Trabalhadores. Depois disso, outras escolas se juntaram ao Conselho e, nos últimos anos, este passou a se chamar Conselho de Escolas de Trabalhadores. Em 1995, o 5º Seminário do Conselho aprovou uma plataforma de Educação para Cidadãos Trabalhadores, priorizando a discussão do papel da tecnologia nas suas escolas, definindo parâmetros para a formação política, precisando áreas de conhecimento necessárias para uma educação cidadã, discutindo a questão pedagógica e as condições de sustentação das Escolas.

As escolas que vêm participando dos seminários de educação operária são as seguintes:

CADTS - Centro de Aprendizagem e Desenvolvimento Técnico-Social - localizado em São João de Meriti, Estado do Rio de Janeiro;

CAT - Centro de Aperfeiçoamento do Trabalhador - localizado em Betim, Minas Gerais;

AST - Ação Social Técnica Escola de Produção Tio Beijo - localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais;

COPRE - Centro Operário Recreativo Profissionalizante - localizado em Contagem, Minas Gerais;

APJ - Aprender Produzir Juntos - localizado em Teófilo Otoni, Minas Gerais;

CTC - Centro de Trabalho e Cultura - localizado em Recife, Pernambuco;
Escola Nova Piratininga - localizada em São Paulo, SP.

Os principais pontos comuns que orientam o trabalho dessas escolas dizem respeito à formação de um trabalhador integral, sujeito de seu agir no trabalho e na vida. Elas consideram que as escolas das classes patronais, bem como as do governo, trabalham dentro de uma visão unificada, que é a de produzir mão-de-obra, e nos indivíduos que poderão se realizar no trabalho. Naturalmente, essa visão irá determinar e diferenciar tanto os conteúdos ensinados, quanto as metodologias de ensino que serão seguidas por essas escolas.

Uma caracterização de algumas dessas escolas, com ênfase nas suas concepções sobre educação e cidadania, nos seus vínculos com a comunidade, nas suas dificuldades estruturais, será útil para subsidiar a discussão, hoje extremamente necessária, sobre a viabilidade de uma opção educacional para os trabalhadores gestada por eles próprios.

CADTS - CENTRO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO TÉCNICO-SOCIAL - SÃO JOÃO DE MERITI/RJ

O CADTS tem entre seus objetivos a criação de oficinas comunitárias na região onde ele funciona, que é a Baixada Fluminense, caracterizada por sua pobreza e violência de cidades-dormitórios da periferia do Rio. A região fornece trabalhadores para o Rio de Janeiro, mas as taxas de desemprego são elevadíssimas

e o analfabetismo e as doenças típicas da miséria aproximam-se dos índices das regiões mais pobres do país.

A experiência do CADTS começou com a produção e aprendizagem caminhando juntas, através da criação de uma oficina-escola onde se fabricam equipamentos agrícolas e ferramentas para a construção civil. É conferida grande importância às aulas de História e, acompanhando o ensino da fabricação de ferramentas e equipamentos, tem-se a história do trabalho, a história das técnicas sempre ligadas às especificidades dos cursos que os alunos estiverem seguindo. Assim, por exemplo, no curso de Eletricista, focaliza-se a história da eletricidade no Brasil, a vinda das empresas de eletricidade e suas relações com o governo, a crise do setor energético, as greves que ocorrem no setor, enfim, tudo aquilo que se apresenta como objeto de estudo na área das relações entre a sociedade e o campo de trabalho que o aluno tem como objetivo, incluindo pesquisas sobre as condições de vida, como a eletricidade serve à população, a questão da dívida externa, a urbanização desordenada e suas relações com os interesses que existem na sociedade, entre outros problemas. No curso de Torneiro Mecânico, a formação passa pela história do trabalho e das técnicas, a invenção do torno e a sua utilização nas fábricas, a Revolução Industrial e as transformações vividas pela classe trabalhadora, como a fábrica é atualmente e como os trabalhadores gostariam que ela fosse.

CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO DO TRABALHADOR - BETIM/MG

O Centro de Aperfeiçoamento do Trabalhador - CAT - em Betim, localizado próximo à fábrica de automóveis da FIAT, foi fundado por operários das fábricas da região, principalmente da FIAT, KRUPP e FMB, demitidos durante a greve de 1979. No grupo que fundou o CAT, vários tinham experiência de curso profissionalizante e a idéia de montar uma oficina-escola permitiria mantê-los com um contrato de trabalho, para que pudessem continuar associados ao Sindicato da categoria em Betim. Este sindicato estava sob intervenção do Ministério do Trabalho e o grupo de operários tinha o objetivo de organizar uma chapa para concorrer às eleições. Para isto, tinham que estar empregados; então passaram a ser trabalhadores da oficina-escola do CAT. No princípio, a produção - peças que eram vendidas para as indústrias da região - sustentou a escola. Com as dificuldades econômicas, o CAT passou a contar também com recursos vindos de centrais sindicais italianas, que condicionaram a sua ajuda ao funcionamento da escola também para a formação de quadros sindicais, mantendo-se, assim, os dois tipos de formação. Hoje, a formação de quadros para a luta sindical é assumida pela Escola Sindical 7 de Outubro e o CAT, enfrentando dificuldades para continuar o seu trabalho, depois de discutir as possíveis direções que deveria tomar, considerando entre elas a retomada da formação profissional através de um convênio com o

Sindicato dos Metalúrgicos de Betim, decidiu, em assembléia realizada em agosto de 1992, por sua autodissolução. Durante o período em que funcionou como escola profissionalizante, o CAT formou mais de 500 trabalhadores, nos cursos de Torneiro Mecânico, Eletricista de Automóveis, Mecânico Hidráulico e Instalador Residencial. Em 1989, o CAT suspendeu o seu funcionamento, por falta de recursos financeiros, mas foi procurado, no decorrer daquele ano, por mais de 1000 pessoas interessadas em aprender uma profissão. Como o CAT nunca fez propaganda de suas atividades, essa procura pode ser interpretada como um sinal evidente da necessidade de ensino profissionalizante na região, além da boa aceitação e da fama da escola que os ex-alunos difundiram. A metodologia de ensino trabalhada pelo CAT considera que a competência técnica se alia à luta por melhores condições de trabalho, como não acontece nas atuais escolas profissionalizantes dirigidas pela classe patronal e/ou pelo governo. É imprescindível instrumentalizar o aluno quanto aos processos de trabalho, da comunicação social, da análise crítica da sociedade, para que ele possa se posicionar como cidadão e como trabalhador e que venha a se realizar enquanto ser humano.

O CATT foi (re)criado pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Betim em 1994, com o apoio da Prefeitura Municipal de Betim. Foi acrescentada mais uma letra "T" na sigla, uma vez que o novo nome é "Centro de Aperfeiçoamento Técnico do Trabalhador". A escola é totalmente subsidiada pelo sindicato, sendo que os alunos pagam uma taxa simbólica. Os cursos são abertos para toda a comunidade não requalificada, a idade mínima para ingresso nos cursos é 16 anos. Os cursos, de Mecânica de Autos e Eletricidade, são estruturados em turmas matutinas e noturnas. O CATT coloca semestralmente no mercado de trabalho cerca de 400 trabalhadores. A escola possui uma proposta pedagógica que procura articular a dimensão política à dimensão técnica na atividade de Formação Profissional.

O Sindicato tem procurado desenvolver ações de formação profissionalizante com avanços significativos na negociação com as empresas - em particular com a Fiat. Um exemplo disso é o recente acordo firmado entre as partes, no qual "a empresa garante o intercâmbio entre os instrutores de sua escola de formação e o CATT".

O setor automotivo em Minas Gerais, no que concerne às mudanças em curso e às relações entre os atores (organizações empresariais e sindicais), representa hoje um dinamismo expresso nas ações de qualificação e requalificação dos trabalhadores e/ou da população em busca de trabalho. O sindicato dos Metalúrgicos de Betim tem como projeto o estabelecimento de parcerias - que visam elevar o nível de escolaridade através de cursos de alfabetização, supletivo e supletivo técnico - além da possibilidade de atender a uma demanda na área de informática e programas de leitura e interpretação de desenho mecânico. O CATT é atualmente o maior centro de formação para o setor automotivo que advém de uma ação sindical na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

ACÇÃO SOCIAL TÉCNICA - AST - BELO HORIZONTE/MG

Fundada em 1979, a AST - Ação Social Técnica, tem como objetivos a formação profissional e política de jovens filhos de trabalhadores e de trabalhadores adultos empregados e desempregados. Contando com uma equipe de 23 profissionais (em 1997), a AST ministra os cursos de Ajustador Mecânico, Torneiro Mecânico, Eletricista Instalador, Comandos Elétricos, Fibras Naturais e Costura.

As fontes de sustentação da AST são basicamente a sua oficina de prestação de serviços e fabricação de peças para a indústria da região, convênios com a Prefeitura de Belo Horizonte e as contribuições do Colégio "Loyola".

A Ação Social Técnica "Escola de Produção Tio Beijo" tem sua origem ligada às formas de mobilização e organização de pessoas da comunidade do bairro onde se localiza, na região industrial de Belo Horizonte. Seus fundadores tiveram uma vivência de greves e outras formas de atuação na sua experiência como operários de fábricas, mas o papel dos moradores do bairro Lindéia, através de sua Associação nas lutas por escolas, transporte coletivo, água e outros serviços urbanos, foi fundamental para que, ainda na década de 70, cursos profissionalizantes começassem a funcionar na igreja do bairro. Os cursos, em sua maioria voltados para as profissões da área metalúrgica, funcionam pela manhã e à tarde com adolescentes e, à noite, com adultos. Também aqui, a discussão sobre as condições de vida e trabalho do operário industrial faz parte das atividades de ensino. A metodologia desenvolvida na AST procura colocar o aluno diante do problema na sua totalidade, ou seja, se se trata de tornear uma peça, por exemplo, enquanto um instrutor do SENAI passa ao aluno, junto com o metal bruto, um roteiro de tornearia, na AST o aluno tem a incumbência de criar esse roteiro, de fazer funcionar sua imaginação e sua criatividade, de viver a situação de busca de solução para um problema no seu trabalho. Esta visão prevê a formação de um profissional mais envolvido com seu trabalho. Ali funciona um processo de aprendizagem no qual predomina o trabalho em grupos, como forma de se estimular o contato entre os trabalhadores na busca de soluções para problemas comuns. As propostas individuais são levadas para serem discutidas com demais alunos, a criatividade é extremamente valorizada e o ato de produzir é associado às relações que existem no universo da fábrica e no processo produtivo.

Segundo os criadores da experiência da AST, as dificuldades enfrentadas pelos jovens do bairro, na medida em que eles não conseguem entrar nas escolas do SENAI, estariam entre as razões pelas quais se deu início ao projeto. De acordo com seu relato, as vagas do SENAI eram obtidas pelos filhos dos encarregados e chefes que obtinham as indicações das empresas. Outra razão é que, quando se iniciou a experiência, o pensamento era também formar lideranças, não só no bairro, mas também dentro das fábricas. Assim, além de uma preocupação nitidamente voltada para a formação de lideranças no sentido de que a competência

na produção está inevitavelmente associada à competência política, a experiência da AST teve como ponto de partida uma forte crítica aos tipos de ensino ministrado pelos cursos até então existentes, mantidos pelo Estado ou não, que não oferecem um ensino adequado às necessidades de um operário metalúrgico. Marca importante da experiência desta escola é a discussão das idéias, em todos os níveis, voltada para a formação de hábitos democráticos, o que se explica por ter a experiência tido seu começo em fins de 1978, ainda sob o governo militar. Há na escola um jornal dirigido por alunos e ex-alunos que hoje são dirigentes sindicais. Atualmente, os cursos da AST são freqüentados por um total de 300 alunos. Além disso, através de um convênio com a Prefeitura de Belo Horizonte, a AST atende também a menores de rua, encaminhados pela administração municipal.

CENTRO OPERÁRIO PROFISSIONALIZANTE RECREATIVO - CONTAGEM/MG

O COPRE (Centro Operário Profissionalizante Recreativo) funciona há 20 anos, sem assistência de qualquer entidade, mantendo-se através das mensalidades pagas pelos alunos e da produção de sua oficina. Nesse período, ali funcionaram cursos de Comandos Elétricos, Serralheria, Solda e Costura e Caldeiraria, sendo que, atualmente, somente este último está em funcionamento. Localizado na Cidade Industrial de Contagem, por não ter acompanhado a modernização tecnológica, o que torna difícil a colocação de sua produção no mercado cada vez mais competitivo, o COPRE veio tendo reduzida sua capacidade de atuação, preservando, contudo, a boa qualidade do curso e da produção.

CENTRO DE TRABALHO E CULTURA - RECIFE/PE

O CTC - Centro de Trabalho e Cultura - do Recife, foi criado em 1967. Depois dos primeiros três anos, em que não havia um plano estruturado de discussões, foi colocado um programa de formação com base no estudo da história da sociedade, tendo sido produzido um livro sobre o assunto. Quando começaram os cursos de formação profissional, o enfoque passou para a política, dentro da técnica e da produção, sendo que as discussões eram parte das aulas. Os cursos profissionalizantes ministrados são de Caldeiraria, Serralheria Industrial, Ajustagem Mecânica, Pneumática, Eletricidade Industrial, Eletrônica e Gráfica. Os cursos têm a duração de um ano e as aulas são no horário da tarde (para adolescentes) e da noite (para adultos operários). A proposta de trabalho do CTC pode ser resumida da seguinte forma: ser uma experiência de produção de conhecimentos e de organização social, na qual o trabalhador viva, aqui e agora, um outro tipo de relações sociais. A experiência procura realizar uma formação profissional que incentive o trabalhador a raciocinar e que o ajude a dominar a ciência que existe em sua profissão, por exemplo, a matemática e a física na técnica

dos desenhos mecânicos, desmitificando a superioridade do saber dos técnicos. Busca também criar espaços onde os trabalhadores exerçam coletivamente o poder e desenvolvam a sua autonomia, a solidariedade, a confiança em si e nos companheiros, a participação democrática nas decisões, procurando, ainda, incentivar discussões que possibilitem a busca de uma vida melhor para todos eles. O CTC ganhou reconhecimento em Recife e muita gente o procura, devido à sua qualidade técnica. Aos cursos de Pneumática e Eletrônica, o pessoal vai principalmente para se especializar. Já na Eletricidade, os jovens aceitam a formação política, porque querem o curso como formação profissional. Por esse motivo, eles assimilam os filmes e as palestras, que têm como motivo estimular, por exemplo, a oposição sindical. Com esse objetivo, eles sugeriram uma seqüência de discussões sobre mais de 50 temas. Entre eles, a história da classe operária brasileira, história dos sindicatos, a CUT e a CGT e a história das ferramentas. Da mesma forma que as demais escolas, o CTC passa por dificuldades econômicas e tem recorrido ao apoio de entidades internacionais, como a CEBEMO, da Holanda, para que não se veja obrigado a fechar cursos. A escola já avançou na discussão das condições para a auto-sustentação e concluiu que ela é impossível. Passa de 2500 o número de pessoas que já se beneficiaram com os cursos ministrados pelo CTC.

NÚCLEO NOVA PIRATININGA - SÃO PAULO/SP

O Núcleo de Ensino Profissional Livre Nova Piratininga surgiu de uma iniciativa política da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. Os alunos vêm imbuídos de um compromisso, indicados por um coletivo (oposições sindicais, sindicatos, pastorais operárias, juventude operária católica etc). Os cursos duram 10 meses e são ministrados nas áreas de Eletricidade, Torno Mecânico, Controle de Qualidade e Ajustagem Mecânica. Todos eles têm 300 horas de sala de aula e 340 horas de oficina. As aulas de formação política e sindical são ministradas por militantes da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo e do movimento sindical em geral. O Núcleo Nova Piratininga está abrindo também um trabalho com adolescentes, principalmente filhos de militantes das oposições sindicais. São duas turmas, nas quais se procura sempre desenvolver a aprendizagem com questionamento, mas os mais velhos entre os adolescentes procuram sempre uma resposta já pronta, como consequência do ensino que receberam nas escolas oficiais.

Embora a Nova Piratininga tenha surgido da Oposição Sindical Metalúrgica, tem procurado pensar, atualmente, em não ser uma escola voltada e direcionada apenas pela OSM, mas que os coletivos que indicam os alunos assumam a escola como um coletivo de formação. A visão é de que a formação se dá sobretudo na luta, sendo a profissionalização uma complementado à luta. A proposta é que cada um que passe por lá seja "uma semente dentro da fábrica". A entidade tenta realizar

uma profissionalização de tipo novo, quebrando toda a formação doutrinária que questione também a divisão entre o profissional e o político, realizando a integração entre os dois tipos de formação. Existe também o curso noturno, de dois anos, para os que já trabalham e buscam aperfeiçoamento, cursos pré profissionais para os não-qualificados, todos voltados para a organização no local de trabalho. O curso para adolescentes, filhos de militantes, é um campo novo, onde se coloca em questão a própria experiência de militância. Muitas vezes, o pai militante não realiza em casa o que apregoa fora, chegando a ser, inclusive, um opressor, quase sempre ausente. Por ser militante e se envolver em greves, esse pai fica muitas vezes desempregado, passando uma imagem negativa de um homem que não deu certo. O curso procura abrir para o adolescente os caminhos para uma profissão, não dar uma profissão, mas levá-los a várias experiências, desmitificando a técnica e a ciência como formas de dominação.

No dizer de um dos coordenadores da escola: "a maior dificuldade da formação através dos próprios trabalhadores e por seus sindicatos é que a realidade sindical em geral não tem permitido maior empenho na questão da formação profissional". Daí resulta que a sustentação financeira dos cursos em andamento nos sindicatos seja precária e que não existam verbas para cursos novos, que acompanhem o processo de modernização tecnológica que está ocorrendo no país.

PROVÍNCIA CARMELITANA "SANTO ELIAS" - BELO HORIZONTE/MG

A Província Carmelitana de Santo Elias, situada em Belo Horizonte, possui uma escola de Formação Profissional com cursos de Mecânica de Autos e Eletricidade de Autos, além de Eletricidade Residencial, Costura, Culinária etc. A escola funciona em área anexa à igreja, com nove salas de aula, cinco oficinas, biblioteca e laboratório de informática. Os cursos na área de autos têm carga horária de duzentas e quarenta horas distribuídas em seis meses no período da noite. A oferta do curso responde principalmente à demanda da comunidade local. O curso é financiado por recursos da Província e os alunos pagam uma taxa simbólica.

LAR DOS MENINOS SÃO VICENTE DE PAULO

A instituição foi fundada em 25/04/1976, pertence à Associação São Vicente de Paulo e é mantida pela SSVP. Nesses anos a instituição formou 2500 alunos (média de 100/ano). A instituição possui boas instalações- tipo colégio - oferece ensino formal e formação humana, cristã e moral. Parte dos alunos estudam em regime de internato.

O ensino formal tem o primário completo com formação profissional em Tornearia, Serralheira, Carpintaria, Eletricidade, Gráfica, Padaria e Confeitaria.

AÇÃO SOCIAL OPERÁRIA CRISTO REDENTOR

A instituição foi criada em 02/02/1991 e registrada em maio de 1992 e formou nesses anos 900 alunos. A sustentação da instituição é proveniente do Colégio "Santo Agostinho" e de uma ONG chamada "Mãos Unidas". Os cursos oferecidos são Tornearia, Corte e Costura, Música (violão e teclado - 40 alunos). A instituição também oferece curso supletivo em nível de 1º Grau por que este espaço em branco aqui??

(90 alunos) e alfabetização de adultos-desempregados e trabalhadores com baixa renda.

APRENDER PRODUZIR JUNTOS - APJ - TEÓFILO OTONI/MG:

O APJ (Aprender Produzir Juntos) localiza-se na cidade de Teófilo Otoni, nordeste de Minas Gerais, teve seu início a partir do ensino de uma atividade comum na região (que é um centro de produção de pedras preciosas e semipreciosas): o curso de lapidação. Funcionando há 14 anos, foram-se introduzindo outros cursos, como Serigrafia, Alfaiataria, Mecânica Industrial e outros. Contando com o apoio da Igreja local, a APJ cultiva a idéia da profissionalização sem patrão, isto é, a idéia é não ter e não ser patrão.

Nascido em 1984 e registrado em 1987, o APJ é entidade juridicamente constituída como Sociedade Civil sem fins lucrativos, cf. art. 1º do seu estatuto.

A instituição proporciona ambientes, equipamentos e cursos profissionalizantes para a juventude mais carente da periferia da cidade, de tal modo que os próprios jovens, com a ajuda de profissionais, possam montar grupos de produção com administração própria e auto-suficiência econômica. Os documentos da entidade colocam 'geração de renda e cooperativismo' como as metas de seu trabalho. Os grupos de trabalho permanecem passíveis de saída de seus membros, os quais estariam preparados para montar pequenas empresas próprias, independentes do APJ. A entidade considera essencial, par alcançar a plenitude de seus objetivos, a formação dos jovens no sentido de que eles possam exercer os seus direitos de cidadania.

ESTRUTURA DO APJ-

A entidade mantém dois tipos de estrutura:

1 - Casa do Adolescente - funciona em um prédio com 4 pavimentos, dotado de área de esporte. Acolhe 620 meninos e meninas menores de quinze anos, em dois turnos de meio expediente cada um, exercendo atividades artesanais pré-profissionalizantes, reforço escolar, complementação alimentar etc, visando, sobretudo, à "prevenção social" da delinqüência a que esses jovens estão sujeitos uma vez que, de outra forma, estariam expostos a perigos que caracterizam uma adolescência sem assistência.

2 - Grupos profissionalizantes e produtivos - Sediados em conjuntos de prédios e quadras, contando com a formação em Marcenaria, Mecânica de Automóveis, Lanternagem, Pintura, Eletroauto, Serralheria, Lapidagem, Joalheria, Artesanato de Pedra, Confeções, Serigrafia, Tricô Industrial e Padaria. Recebem rapazes e moças com idade acima de 15 anos, dispostos a aceitar os objetivos propostos pela entidade. A estrutura desses grupos é concedida pela entidade às cooperativas de grupo em regime de empréstimo e comodato.

Funcionamento do APJ - O desenvolvimento de todas as atividades do APJ em seu conjunto é acompanhado pela Equipe de Coordenação Geral, correspondente à diretoria da entidade, enquanto a Casa do Adolescente, bem como cada um dos grupos de profissionalização e de produção, conta com uma coordenação interna.

Metodologia do trabalho - Citamos aqui um trecho de documento fornecido pela coordenação do APJ: "A nossa prática fundamenta-se no princípio da "Pedagogia Libertadora" de Paulo Freire, a qual visa ao processo de conscientização entre o ser humano individual e os "outros", graças à mediação do mundo ou realidade em que vivemos. A nossa própria história confirma a validade desse processo, pois constatamos em nosso cotidiano que a nossa dificuldade maior para alcançar nossos objetivos reside na "consciência oprimida" do povo. Em especial, merece destaque a prática do diálogo nos vários níveis: individual, em pequenos grupos e na comunidade toda. Os nossos educadores devem tomar iniciativas para aplicar o método dialógico, fazendo suas revisões a este respeito e procurar manter contatos com as famílias e quase-famílias. O momento forte para este diálogo são as reuniões realizadas em datas programadas ou de convocação extraordinária, como também através de cursos de várias naturezas".

DISCUTINDO A VIABILIDADE DESSAS OPÇÕES

O primeiro ponto que salta aos olhos, quando se coloca a questão da viabilidade da opção colocada por essas escolas, é aquele que decorre de uma realidade inteiramente diversa e muito mais adversa do que aquela em que se viram surgirem as experiências. Se a maior parte delas veio da resistência à ditadura militar, é importante notar que as imposições de uma nova organização do processo produtivo, as mudanças de mentalidade, a queda do valor do trabalho, as inovações tecnológicas e sua aceleração, o elevado custo de investimentos em uma formação profissional para os novos padrões tecnológicos, a retração do mercado de trabalho, com o desemprego, enfim, tudo o que caracteriza o adensamento da hegemonia do capital, está a exigir formas novas de adequação dessas escolas à realidade, para que elas possam sobreviver e levar adiante o seu trabalho político.

Há um jogo de forças extremamente desigual que essas experiências têm que enfrentar. Começando pela base sobre a qual se organiza a visão dominante, desenhada contra o trabalho, a força que monopoliza a racionalidade possível no

mundo de hoje, a razão instrumental do mercado, com suas repercussões destrutivas sobre os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que presidiram a construção do mundo moderno, observa-se, de início, que estamos diante de um remar contra a corrente, ou melhor, forças que lhes são contrárias e que vêm de todas as direções.

Nesse jogo de forças, os diferentes modelos de formação profissional, integrados a diferentes projetos e diferentes interesses, ocupam lugar de significativa importância, já que incorporam visões e estratégias com relação aos trabalhadores. Como já foi dito nos parágrafos iniciais deste texto, é de presença recente no movimento sindical brasileiro a preocupação mais sistematizada com a formação profissional, mais articulada com um projeto político. Da mesma forma que o movimento sindical, também os movimentos sociais e instituições ligadas às questões populares parecem vir buscando uma formação profissional articulada com uma concepção de educação para o exercício da cidadania, uma formação comprometida com o direito do trabalhador a uma identidade política. Tal tipo de preocupação está visível em diversos pontos de discussão e reflexão do movimento sindical: Considerando...(20) "Que existe uma articulação entre formação, ação, construção da cidadania e fortalecimento do movimento sindical," "..."(25) "Que o educando tem que ser entendido como um ser integral." ... "O 4º Congresso Nacional dos Metalúrgicos da CUT decide: (36)11. Buscar a capacitação para lutarmos por um processo de formação contínua dos trabalhadores, após a entrada no mercado de trabalho, que lhes permita a permanente atualização e crescimento como ser humano."⁴. Nas mesmas fontes, é também visível a articulação entre esses objetivos e estratégias e uma concepção contundentemente crítica das formas como as elites vêm conduzindo a questão da formação profissional no Brasil: "... (115) Que o desemprego é uma questão político-econômica, fruto do atual modelo de desenvolvimento e não problema pessoal ou falta de formação do trabalhador." ... "(133) Que a forma como funciona o sistema Senai/Senac/Senar, que arrecada seus financiamentos através de recolhimento parafiscal (1% da folha de pagamento das empresas), se transforma em custo que vai para os preços, que nós, consumidores, acabamos pagando, e, quando recolhido pelo Estado, é repassado aos empresários como verba pública, mas usada de forma privada." ... "(134) Que a utilização de verbas do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador), via Sine, utilizados para a requalificação profissional de desempregados, pela forma como vem sendo feita, dispersa, pulverizada, não planejada), constitui-se numa forma de dilapidação de um fundo público."⁵.

⁴ Caderno de Emendas ao Texto Base do 4º Congresso Nacional dos Metalúrgicos da CNM/CUT - março de 1998, página 86.

⁵ Texto-Base do 4º Congresso Nacional dos Metalúrgicos da CNM/CUT - pp.40-41.

Também as escolas criadas pelos movimentos sociais, ou pelas ONGs, voltadas para a problemática das classes populares, através de seu órgão de expressão coletiva, que é o já mencionado *Conselho*, ou de textos em que se discutem seus princípios e suas experiências, colocam de forma bastante explícita a sua crítica e seus objetivos ligados a uma educação voltada para a cidadania dos trabalhadores: "...não apenas uma educação voltada para a aquisição de conhecimentos e, menos ainda, conhecimentos cortados, deficientes/autosuficientes ou subalternos-prepotentes, mas uma educação capaz de constituir o processo de tornar-se cidadão, isto é, um processo voltado para a formação de sujeitos sociais participantes do exercício e usufruto do trabalho, da geração e uso dos conhecimentos, e do exercício da responsabilidade e Governo sobre a sua cidade."⁶

Apesar de todas as dificuldades que uma conjuntura de pesada hegemonia das visões de mundo mais comprometidas com os interesses do capital, numa perspectiva que ignora ou exclui programaticamente o social, os setores interessados em defender as classes trabalhadoras não podem perder de vista que é sumamente necessário desenvolver a sua própria política de formação profissional, o que é condição essencial de sua permanência enquanto identidade.

Os setores da sociedade que se situam entre os ameaçados de exclusão, os oprimidos, as classes trabalhadoras, incluindo o setor informal, ao desenvolver as suas políticas, vêm mostrando consciência de que, através ou não do movimento sindical, devem avançar com seus projetos próprios de formação profissional. Por mais adversa que seja a conjuntura em que vive a sociedade brasileira, do ponto de vista do processo de destruição dos direitos trabalhistas, do crescimento do desemprego etc, esses setores não ficariam parados vendo a burguesia construir o fim da história. A presença, neste cenário, das experiências de que tratamos aqui, mostra bem que seus organizadores sabem que é na educação que se pode construir e levar adiante um processo de resistência a essa crescente ocupação de espaços no senso comum por posições e concepções que convêm ao neoliberalismo.

As experiências desenvolvidas por esses setores mostram ainda o quanto é importante que todas as frentes possíveis de serem ocupadas para se desenvolver uma formação com concepção diferente daqueles que encarnam o programa da reestruturação produtiva na perspectiva empresarial, diferente da lógica da razão instrumental, da visão administrativa, da lógica do lucro, sejam utilizadas como formas de luta, formas de afirmação de outras possibilidades. Na medida em que as contradições internas das formas hoje hegemônicas nos processos formativos as tornarem inviáveis, uma nova leitura desse processo, agora incorporada também às

⁶ Plataforma de Educação para Cidadãos Trabalhadores - Conselho das Escolas de Trabalhadores - p. 7.

práticas educacionais de outros grupos da sociedade, poderá contribuir para uma participação mais significativa do mundo do trabalho na produção da cidadania.

BIBLIOGRAFIA

Caderno de Emendas ao Texto Base do 4º Congresso Nacional dos Metalúrgicos da CNM/CUT - março de 1998.

Educação e Sociedade – Revista de Ciência da Educação –ano XIV. Agosto, 1993.

HORTA, Carlos Roberto e CARVALHO, Ricardo A. A. – The Union Movement and Vocational Training in Brazil – Geneva, International Labour Organization, 1992 (Training Policies Branch, n.91).

HORTA, C.R. – Movimento Operário: da Fábrica ao Bairro – das lutas ao Conhecimento. Uberlândia, V Encontro Estadual de História, julho de 1986.

HORTA, C.R. – As Lutas Operárias e o Conhecimento: a Questão Metodológica. Trabalho Apresentado no 10º Encontro Anual da ANPOCS, Campos do Jordão, 1986.

HORTA, C.R. – Conhecimento, Política e Classe Operária. Revista do Departamento de História da UFMG, n 2, 1986.

LE VEN, Michel Marie – Cidadania, Ética e Capacitação Profissional – Trabalho apresentado na III semana de Psicologia Política, Belo Horizonte, 1995.

LE VEN, Michel Marie, NEVES, Magda de Almeida e HORTA, Carlos Roberto – Tecnologia e Processo de Trabalho na Indústria Automobilística e de Autopeças: o caso da FIAT/MG – Belo Horizonte, Relatório de Pesquisa CNPq – Núcleo de Política Científica e Tecnológica, 1984, 2 vol.

LEITE, Márcia de Paula – A Qualificação Reestruturada e os desafios da Formação Profissional – Novos Estudos CEBRAP, n. 45, julho de 1996. pp.79-96.

MANFREDI, S.M. - A Formação Profissional na Ótica dos Trabalhadores - texto elaborado para o II Congresso da Associação Latinoamericana de Sociologia do Trabalho, Águas de Lindóia, SP, Dezembro de 1996

PARO, V. – A Propósito do Ensino Profissional Livre no Estado de São Paulo – Cadernos de Pesquisa – Fundação Carlos Chagas, n. 36, fev. 1981, pp. 27-40.

Plataforma de Educação para Cidadãos Trabalhadores - Conselho das Escolas de Trabalhadores – São Paulo, 1996. p. 7.

Texto-Base do 4º Congresso Nacional dos Metalúrgicos da CNM/CUT.